



PARA UMA ECOLOGIA DE SABERES: TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA

Towards an ecology of knowledges: trajectory of the construction of agroecological
knowledge at Associação Brasileira de Agroecologia

**Nina Paula Laranjeira¹; Sebastien Carcelle²; Denise de Miranda³; Tatiana Deane Abreu Sá⁴;
Luã Gabriel Trento⁵; Thais Santos de Souza⁶ e Irene Maria Cardoso⁷**

RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre a Construção do Conhecimento Agroecológico no seio da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). Demonstra a pertinência de quadro teórico da ecologia de saberes para pensar essa construção e propõe a releitura da trajetória do Grupo de Trabalho dedicado a esse tema na ABA. Apresenta a revisão bibliográfica de artigos e resumos publicados com as palavras-chave “construção” e “conhecimento” na Revista Brasileira de Agroecologia e nos Cadernos de Agroecologia desde a criação das mesmas. Os dados demonstram a sistematização crescente de experiências de campo e apontam lacunas na discussão conceitual. Enfatiza-se a oportunidade de explorar epistemologias relacionadas a pautas centrais da agroecologia, como as cosmovisões de comunidades tradicionais, povos indígenas ou de matriz afrodescendente. Também se reivindica a renovação do modelo de pesquisa, ensino e extensão, na direção de maior produção conceitual e epistemológica sobre a temática.

Palavras-chave: Sistematização de experiências, ensaios teóricos, cosmovisão.

¹ Professora Universidade de Brasília, E-mail: ninalaranjeira@gmail.com;

² Doutorando do Laboratório de Antropologia Social (LAS/EHESS) de Paris, França, E-mail: sebastien.carcelle@ehess.fr;

³ Gestora de Desenvolvimento Rural, Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul (AGRAER-MS), E-mail: denisedemiranda2013@gmail.com;

⁴ Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, E-Mail tatiana.sa@embrapa.br;

⁵ Mestrando Ecologia Aplicada - CENA/ESALQ - USP, E-mail: lua.trento@gmail.com;

⁶ Estudante da Pós Graduação em Agroecologia e Educação do Campo da Universidade Federal do Sul da Bahia campus Paulo Freire, E-mail: thaisouzasan@gmail.com

⁷ Professora da Universidade de Viçosa, E-mail: irene@ufv.br

Recebido em:

10/04/2019

Aceito para publicação em:

27/05/2019

Correspondência para:

ninalaranjeira@gmail.com

ABSTRACT

This paper submits reflections on the Construction of Agroecological Knowledge (CCA) within the Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). The relevance of the theoretical framework of an ecology of knowledges is demonstrated to think about this construction and a rereading of the trajectory of the WG (Working Group) dedicated to this theme within ABA is proposed. A bibliographical review of the articles and abstracts published with these key words in both journals of Revista Brasileira de Agroecologia and Cadernos de Agroecologia, since their creation, is also put forward. It reveals a growing number of field experiences systematizations and a gap in a more theoretical discussion. The opportunity to explore epistemologies related to the agroecological main agendas, such as the cosmovision of traditional communities and indigenous or Afro-descendant peoples, is emphasized. Besides, a renewing of the teaching, research and extension model, in which the ABA is inserted, is also claimed.

Keywords: Systematization of experiences, theoretical essays, worldview.

Introdução

O lema “Ecologia de saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares” foi escolhido pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) como tema central do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), por ela organizada para novembro de 2019. A expressão “ecologia de saberes”, junto com as palavras “arte” e “cultura”, indica a vontade da ABA de produzir uma reflexão de natureza epistemológica global, que tem a ver com a construção do conhecimento agroecológico.

De fato, a finalidade da ABA, de acordo com seu estatuto (ABA, 2015), é incentivar e contribuir para a produção de conhecimentos técnico-científicos no campo da Agroecologia e um de seus objetivos é consolidar o conhecimento agroecológico, a partir de uma abordagem interdisciplinar, sistêmica e participativa, com base no diálogo de saberes. Nesse diálogo, é preciso integrar saberes, conhecimentos e experiências, o que exige compreensão das relações sociais, econômicas, ambientais, culturais, políticas e éticas, nas quais o conhecimento é produzido. Para ocorrer a construção dos conhecimentos agroecológicos é necessária a imersão nas relações sociais comunitárias, para beber da fonte do conhecimento tradicional e do popular. Esse conhecimento tradicional, com suas fundamentações e premissas básicas, orienta uma série de processos e práticas sociais, necessários aos processos de construção do conhecimento agroecológico (COTRIM e DAL SOGLIO, 2016) e de sistemas agroalimentares sustentáveis.

O conceito de sistemas agroalimentares, também no centro do próximo CBA, por sua vez, engloba o conceito de agroecossistemas, compreendido por muitos como a unidade básica de estudo da agroecologia. O conceito de sistemas agroalimentares incorpora todas as dimensões envolvidas com a alimentação, do solo e da semente à mesa (GLIESSMAN, 2015), sem excluir o retorno ao solo, incorporando, assim, as etapas de ciclagem ou disposição de resíduos. Portanto, tal conceito incorpora todos aqueles que produzem, distribuem, processam, bem como consomem os alimentos, e todos podem e devem estar envolvidos no diálogo de saberes e na perspectiva da construção dos conhecimentos agroecológicos. Por isso, a construção dos conhecimentos na Agroecologia se dá em diferentes espaços sociais (academia, movimentos sociais, prática cotidiana dos agricultores e de técnicos, consumidores, etc.), por meio do diálogo entre diferentes atores e grupos, redes e movimentos sociais, o que possibilita grande diversidade de formas de elaboração do mesmo.

No seio da ABA, o Grupo de Trabalho (GT) “Construção do Conhecimento Agroecológico”, ao longo de sua história, tem procurado incentivar processos, metodologias e práticas que contribuam para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da ecologia de saberes e para o desenvolvimento de uma ciência contextualizada, que contribua para a promoção de sistemas agroalimentares sustentáveis.

Rumo ao XI CBA, pretende-se, neste artigo de revisão, apresentar reflexões sobre a construção do conhecimento agroecológico, objeto do GT. Estas reflexões referem-se às bases epistemológicas da agroecologia e à sistematização das experiências brasileiras de construção do conhecimento agroecológico, publicadas na Revista Brasileira de Agroecologia (RBA) e na revista Cadernos de Agroecologia, ambas editadas pela ABA. A primeira publica artigos científicos na íntegra e a segunda apenas resumos apresentados em eventos organizados em parceria ou pela ABA. A própria trajetória desse GT, criado em 2011, é parte desta reflexão. Essa produção será contextualizada, por um lado, num quadro teórico da ecologia de saberes e de uma epistemologia agroecológica, e por outro lado, no processo de institucionalização desse tema dentro da ABA. No final, algumas pistas para estimular a reflexão epistemológica sobre a construção do conhecimento agroecológico.

Pensar a construção do conhecimento agroecológico na ecologia de saberes

A ecologia de saberes

A expressão “ecologia de saberes” foi proposta por Santos (2010) como um conjunto de epistemologias que respeita a diversidade de saberes. Com a ecologia de saberes, pretende-se fortalecer ações contra hegemônicas que consideram epistemologias invisibilizadas pela ciência dominante, que se autorreconhece como moderna, como portadora do único conhecimento válido, universal, fonte inesgotável de progresso tecnológico e de desenvolvimento. O resultado desta forma de pensar foi o gigantesco “epistemicídio global” (SANTOS, 2010, p. 8), o qual eliminou várias formas de saberes locais e que é um limitador para o desenvolvimento que, deixado exclusivamente a cargo da ciência moderna, dá-se apenas dentro dos limites do capitalismo e da globalização hegemônica.

Para que ocorra o entendimento das diversas formas de saber, uma tradução intercultural é necessária, o que só pode ser conseguido quando todas as partes compreendem que os saberes de todos são igualmente importantes, complementares e necessários para apresentar soluções para as questões de nosso tempo, na medida em que as promessas de desenvolvimento da ciência moderna, nos marcos do capitalismo, não se concretizaram, pelo menos não para todos.

Entretanto, na prática, a ecologia de saberes é um enorme desafio, já que a ciência moderna foi, a cada dia, conquistando o imaginário da maior parte das culturas globalizadas, como a forma de conhecimento mais correta e segura. Sem desfazer este imaginário não é possível construir conhecimentos a partir da ecologia de saberes, o que inclui não só os saberes, mas os seus contextos.

Santos e Menezes (2009) forjaram, também, o conceito de “Epistemologias do Sul” para caracterizar os conhecimentos de populações colonizadas, conhecimentos esses que foram desprezados ou apropriados pelos conquistadores, constituindo-se em processo de epistemicídio e sufocamento de culturas locais, que foram obrigadas a assimilar a cultura europeia, ou foram condenadas à total invisibilidade. A Agroecologia é, portanto, uma ciência que nasce no contexto das Epistemologias do Sul, trazendo esses conhecimentos invisibilizados para somar na construção de um novo conhecimento e de um novo projeto político. Em termos epistemológicos, entendemos que a ciência da agroecologia indica para o desenvolvimento de um novo paradigma, que privilegia a construção de conhecimentos contextualizados, o que requer metodologias diferenciadas e posturas diferenciadas dos cientistas. Metodologias estas, que incluam o diálogo, favoreçam relações horizontais e possibilitem a ecologia de saberes.

Proposta para uma epistemologia agroecológica

Para ir além do pensamento moderno acidental, é necessário enfrentar as grandes linhas do pensamento filosófico ocidental que fundamentaram a construção da ciência moderna. Ora, essa ousada empreitada já foi tentada por um filósofo e historiador da ciência norte-americano, o Prof. Hugh Lacey, colaborador em pesquisas no Brasil, e que, justamente, estudou o caso da agroecologia. Não é por acaso que sua obra é discutida no ensaio teórico mencionado, publicado na Revista Brasileira de Agroecologia (REIS, 2018). Assim, para abrir novos caminhos de esforços teóricos, vale lembrar os principais elementos dessa proposta teórica, esperando, também, consolidar, num só quadro teórico, o que foi apresentado até aqui em termos de publicações.

Para Lacey (2019), a agroecologia, enquanto ciência, não pode ser separada de suas outras dimensões: prática agrícola e movimento social, bem como de uma quarta dimensão, a de projeto político capaz de levar ao desenvolvimento de um novo sistema agroalimentar, baseado na soberania alimentar, com segurança alimentar e justiça social. Se não é possível separar a dimensão científica das demais, a agroecologia, enquanto ciência, requer de nós metodologias diferenciadas, o que o Prof. Hugh Lacey (2019) denomina de metodologias sensíveis ao contexto, em contraposição às metodologias descontextualizadoras da ciência convencional.

Além da questão da descontextualização, Lacey destaca quatro pontos importantes que contrapõem a ciência agroecológica e a ciência hegemônica ou convencional, como pode ser observado na Tabela 1. Para o filósofo, a ciência agroecológica, ao contrário da ciência hegemônica, utiliza-se de metodologias sensíveis ao contexto ecológico, humano e social para buscar relacionar e equilibrar várias dimensões do agroecossistema (unidade básica de estudo da agroecologia), tais como produtividade, renda, acesso a mercados, variedade e qualidade de produtos; sustentabilidade ecológica e conservação da biodiversidade; saúde social e qualidade de vida e respeito aos direitos humanos; relações justas entre homens, mulheres e crianças; e fortalecimento dos membros da comunidade, autonomia, cultura, valores.

O autor ressalta ainda, que as estratégias utilizadas pelas metodologias sensíveis ao contexto incluem: i) interligação entre o físico/químico/biológico com o humano/social/cultural/histórico; ii) o diálogo de saberes, que procura integrar conhecimentos e métodos de diferentes disciplinas da ciência moderna, com os conhecimentos dos agricultores, comunidades e povos tradicionais e indígenas, de movimentos sociais; iii) incorporação dos agricultores e das agricultoras não como objetos mas como sujeitos da pesquisa; iv) sustentação de valores de justiça social, sustentabilidade, participação democrática e soberania alimentar e; v) crítica ao sistema agroalimentar hegemônico sustentada pelo conhecimento produzido.

Tabela 1: Reivindicações da ciência convencional e suas contestações dentro da epistemologia agroecológica, segundo o Professor Hugh Lacey (2019).

Reivindicações da Ciência convencional	Contestações da Agroecologia
Controle e dominação da natureza pelo ser humano.	Há outras posturas humanas em relação à natureza, como por exemplo, respeito, amor, convivência, conservação, sustentação e sintonia.
O controle, incorporado às inovações tecnológicas, melhoraram a qualidade de vida do ser humano.	Para além da tecnologia, o bem-estar humano depende das relações acima e de conhecimentos científicos gerados dentro de seus contextos ecológicos, sociais e humanos.
Metodologias descontextualizadoras produzem o único tipo de conhecimento confiável.	Há conhecimentos resultantes de experiências cotidianas e que resistem ao tempo, mas não foram produzidos por experimentos quantitativos e de laboratórios.
Conhecimento produzido tem significados e aplicabilidades universais.	Nem todo conhecimento produzido pelas metodologias descontextualizadoras são universais, ao passo que todo conhecimento é situado (contextualizado) social e culturalmente.
Ações e práticas humanas precisam ser informadas por esse conhecimento, para serem consideradas racionais.	Em muitos contextos, sobretudo os que envolvem a sustentabilidade (ecológica e social), o mais racional é agir com base em conhecimentos produzidos por metodologias sensíveis ao contexto

A partir desse quadro teórico da ecologia de saberes e da epistemologia agroecológica, é possível olhar para a realidade empírica da produção científica da ABA em relação à construção do conhecimento agroecológico. Nesse sentido, primeiramente, será analisada a institucionalização progressiva desse tema dentro da ABA e, a seguir, a natureza da produção com relação a esse tema nas duas revistas da ABA.

A construção do conhecimento agroecológico: trajetória institucional dentro da aba

2006-2011: os primeiros esforços da sistematização das experiências agroecológicas

Na ABA, as primeiras reflexões sobre a construção do conhecimento agroecológico foram embaladas pelo II Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e realizado em 2006, em Recife. Como preparação para o II ENA, a ANA disparou um processo de identificação, mapeamento e sistematização de experiências: primeira etapa

indispensável, que culminou em um seminário de construção do conhecimento agroecológico, realizado durante o evento.

As críticas feitas ao difusionismo tecnológico da chamada “revolução verde”, parte da chamada modernização da agricultura, motivaram tal processo. De fato, os mentores do modelo da revolução verde contribuíram, também, para aquele “epistemicídio global”, pois partiram do pressuposto de que o conhecimento científico é o único válido, reservando aos(às) agricultores(as) um papel de passividade nos processos de inovação tecnológica. Além disso, os elaboradores dos pacotes da revolução verde, seguindo os princípios da ciência hegemônica, desconsideraram absolutamente os contextos socioambientais nos quais as técnicas e os próprios conhecimentos devem ser aplicados. No Brasil, em contraposição a este pressuposto, e alicerçado nos ensinamentos de Paulo Freire, desde o início dos anos 1980, com a emergência da então denominada agricultura alternativa, os atores da agroecologia reconhecem a importância de diferentes saberes na promoção de sistemas agroalimentares saudáveis.

Para a promoção do diálogo entre diferentes saberes, um conjunto de metodologias foi desenvolvido. Essa multiplicidade de experiências metodológicas é portadora de ensinamentos valiosos, mas que, segundo o entendimento da ANA (Carta Convocatória do II ENA), não estavam devidamente sistematizadas, o que incentivou o desencadeamento, pelo II ENA, dos processos de sistematização de práticas metodológicas, objetivando a organização de processos de reflexão coletiva e ação política. Portanto, parece claro que, o que é denominado construção do conhecimento tem, desde seu nascedouro, uma relação com os processos metodológicos que promovem e facilitam o diálogo de saberes.

Ainda em 2006, após o II ENA, a ABA realizou o IV Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), em Belo Horizonte. A partir da experiência do ENA, um processo de identificação e sistematização de experiências foi desencadeado também pela ABA. Para tal, uma ficha de identificação de experiência foi divulgada. Algumas experiências identificadas foram apresentadas no seminário intitulado “Metodologias Participativas e a Construção do Conhecimento Agroecológico no Brasil”. O IV CBA foi realizado em um contexto de muitas fragilidades institucionais e políticas, e a ABA não tinha o enraizamento territorial da ANA. Poucas experiências foram sistematizadas e poucas foram apresentadas.

O processo de identificação e sistematização do conhecimento agroecológico continuou e, no V CBA, realizado em Guarapari em 2007, 16 experiências foram identificadas e apresentadas no Seminário de Construção do Conhecimento Agroecológico. A realização do referido Seminário fazia parte da estratégia de superação do enfoque difusionista e da promoção do diálogo de saberes. Entretanto, até mesmo devido ao enfoque técnico-científico da ABA, o Termo de Referência que orientava a identificação de experiências a serem sistematizadas enfatizou as atividades de pesquisa e Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). No processo de identificação das experiências a serem apresentadas no CBA, o critério não era escolher as melhores, mas respeitar o pluralismo metodológico, considerado elemento central no processo de aprendizado coletivo e as experiências que privilegiavam o diálogo de saberes. Acompanhando a orientação do Termo de Referência, o objetivo do Seminário foi criar um ambiente para a reflexão e intercâmbio sobre abordagens metodológicas empregadas por instituições de pesquisa (incluindo universidades) e de assistência técnica e extensão rural em suas ações para a promoção da Agroecologia (ABA, 2007).

Em 2008, a ABA, em parceria com a ANA e EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), deram continuidade aos processos de sistematização de experiências. Para tal, foi realizado um curso de formação para os interessados em sistematizar suas experiências. Os vice-presidentes da ABA participaram deste processo e promoveram reuniões nas regiões, procurando incentivar o processo de identificação e sistematização de experiências. Muitas destas experiências foram apresentadas no VI CBA, realizado em 2009 em Curitiba, no Seminário de Construção do Conhecimento Agroecológico. Tais experiências encontram-se registradas na Revista Cadernos de Agroecologia, criada em 2006, para acolher os anais dos eventos promovidos ou apoiados pela ABA.

No VII CBA, realizado em Fortaleza em 2011, foi organizado um painel, cujo título era “O Estado da Arte da Construção do Conhecimento Agroecológico nas Regiões do Brasil”, no qual cada vice-

presidente da ABA apresentou o estado da arte da Agroecologia na sua região, procurando destacar as entidades e os centros de pesquisa que colaboravam com a agroecologia, a participação dos agricultores, etc. Houve, também, seminários para apresentação de experiências em educação, nos quais algumas experiências de educação não formal foram apresentadas. A educação não formal é importante para a construção de conhecimentos, já que, segundo Gohn (2006, p. 31), é aquilo que se aprende “no mundo da vida”, no compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas, nas quais se aprende não só a leitura da palavra, mas a leitura do mundo, conforme ensinou Paulo Freire.

2011-2019: o papel do GT Construção do Conhecimento e dos NEA na sistematização das experiências até uma ecologia de saberes

Em 2011, no VII CBA, realizado em Fortaleza, foi criado o GT Construção do Conhecimento Agroecológico da ABA. O primeiro coordenador do GT CCA foi Décio S. Cotrim, docente da Universidade Federal de Pelotas. Nesse período, o GT contou com 42 adesões de sócios da ABA. Dentre as atividades realizadas, os membros do GT participaram de eventos relacionados ao tema e houve um esforço teórico, em particular de sua coordenação, para escrever sobre a compreensão do processo de construção do conhecimento agroecológico (COTRIM e DAL SOGLIO, 2016).

No VIII CBA, realizado em 2013 em Porto Alegre, a ABA iniciou um esforço para a elaboração do projeto de sistematização dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEA). O projeto “Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras” foi, então, elaborado e apoiado pelo MDA/CNPq, em 2015, executado em parceria com as vice-presidências regionais da ABA. Este projeto foi desdobramento da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), que fortaleceu e ampliou os Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEA) em instituições de ensino e de pesquisa.

Após um esforço de mobilização durante o IX CBA, foi realizado, ao final do evento, um encontro que contou com a participação de pessoas que já faziam parte do GT e de novos interessados. A coordenação do GT foi assumida pela pesquisadora Tatiana Deane de Abreu Sá, da Embrapa Amazônia Oriental, com sede em Belém, PA, que deu continuidade ao processo de acolhida de pessoas interessadas no GT, alcançando, assim, 56 adesões expressas no momento do IX CBA, totalizando, dessa forma, 98 participantes, considerando os inscritos anteriormente.

Com o intuito de colher subsídios à atuação do GT e de sua contribuição à agenda nacional de agroecologia e à ação da ABA, foi elaborado e enviado aos participantes do GT um questionário (SÁ e FONSECA, 2018), respondido por 26 participantes. Os resultados desse questionário foram sintetizados e apresentados como pôster na sessão voltada à Construção do Conhecimento Agroecológico no X Congresso Brasileiro de Agroecologia (SÁ e FONSECA, 2018). As respostas ao questionário refletiram a pluralidade dos participantes, tanto em termos de perfil de formação e de atuação profissional, como de região de atuação. As respostas foram importantes para definir várias ações do GT, dentre elas a definição de atividades no X CBA e em outros eventos relacionados à Agroecologia, assim como nas estratégias de abordar o tema com distintos públicos e sob diferentes perspectivas temáticas. Para a ABA, o resultado do questionário indicou a necessidade de maior interação entre o GT e as representações regionais, no sentido de melhor compreender e contribuir ao avanço de formas de construção do conhecimento agroecológico peculiares às distintas regiões brasileiras; indicou, também, a necessidade de maior interação entre os GTs da ABA, em particular com o GT de Educação, que atua em interfaces ricas em processos de construção do conhecimento.

A intensa atuação participativa do projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia desempenhou papel decisivo para ampliar e aprofundar o tema do GT e o seu protagonismo interativo nesse período de gestão. Complementarmente, foi adotada como estratégia, a disposição em participar de atividades que, de modo direto ou indireto, pudessem contribuir para a análise, compreensão e proposição de estratégias de construção do conhecimento. Assim, o GT fez-se presente em eventos em diversos estados brasileiros e mesmo fora do território nacional, em temáticas contrastantes, entre as

quais as relacionadas à segurança e soberania alimentar, gastronomia, economia solidária, pedagogia da alternância.

No X CBA, realizado em Brasília em 2017, a Professora Irene Maria Cardoso, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), assumiu a coordenação do GT e, no início de 2019, a Professora Nina Paula Laranjeira, da UnB, passou a coordenar o GT, em conjunto com a professora Irene Cardoso.

Com a preparação do XI CBA (previsto para novembro 2019), um passo a mais foi dado na construção do conhecimento agroecológico, já que o tema escolhido “Ecologia de saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares”, inspirado pelo pensamento de Boaventura Santos, encaminha uma reflexão epistemológica mais geral. Nesse sentido, durante a reunião da diretoria da ABA, ocorrida antes do CBA, em março 2019, em Brasília, foi organizado um seminário chamado “Agroecologia como ciência e diálogos interepistêmicos”, no workshop intitulado “Perspectivas do ensino, pesquisa e extensão em agroecologia no Brasil”, no qual foi apresentado, entre outras contribuições, a reflexão do Pr. Hugh Lacey.

Esse breve histórico nos permite perceber como o tema da construção do conhecimento agroecológico emergiu aos poucos, a partir do ano de 2006, como resultado do esforço coletivo de preparação dos eventos nacionais e estaduais organizados pela ABA e pela ANA. Essa preocupação para com o conhecimento iniciou com uma fase de primeiros mapeamentos durante vários anos, até se institucionalizar com a criação do GT em 2011. Vale destacar que, essa segunda fase, mais elaborada de sistematização, corresponde, também, à atuação dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEA), frutos das políticas públicas de promoção da agroecologia. Assim, o movimento de sistematização não foi só fomentado por uma sociedade científica, no caso a ABA, mas abrange um espectro mais amplo de atores de ensino-pesquisa-extensão. Depois de mais de uma década de sistematização das experiências, a quantidade de conhecimentos disponível permite, e requer, um esforço mais teórico, que o XI CBA quer estimular.

Depois desse primeiro olhar mais histórico, uma segunda abordagem será mais temática, tentando analisar, através de uma breve revisão bibliográfica, a produção escrita que saiu durante esses anos, incluindo esses grandes encontros, cuja narrativa foi relembada.

A construção do conhecimento agroecológico: revisão bibliográfica nas revistas da ABA

Qual seja a área de produção científica contemplada, o lugar por excelência para avaliá-la é o mundo das publicações: revistas, artigos, editoriais, livros, etc., como lembram os pesquisadores que estudam as ciências (BOURG, 2008). Assim, com o objetivo de acompanhar a produção em torno da construção do conhecimento agroecológico, tanto em termos quantitativos como qualitativos nos últimos anos, foi realizada uma revisão das publicações nas duas revistas da ABA – Revista Brasileira de Agroecologia (RBA) e Cadernos de Agroecologia, utilizando na busca as palavras “construção conhecimento”. Essas duas palavras não incorporam toda a diversidade das experiências sobre a temática em questão, publicadas nas duas revistas, mas proporcionam uma seleção importante. Entretanto, consideramos que essa amostragem é representativa sobre o que tem sido publicado pela ABA nesse tema, e foi muito útil para as reflexões aqui apresentadas. O método da revisão foi qualitativo, no caso da RBA, pelo fato de que havia 21 artigos com o texto completo disponível o que permitiu uma leitura integral. No caso dos Cadernos de Agroecologia, o método foi quantitativo já que a quantidade de textos para ler era bem maior (mais de 200) e só o resumo era disponível no site da ABA.

Foi analisado tanto o conteúdo das produções, como a natureza e a proveniência geográfica das entidades que tinham produzido essas publicações. As experiências registradas nestas revistas referem-se, principalmente, às experiências das instituições de ensino superior e de pesquisa, às vezes em parceria com outras instituições. Isso é reflexo da própria finalidade e objetivos da ABA que, como expresso em seu estatuto, preocupa-se, em especial, com a elaboração de conhecimentos técnico-científicos no campo da agroecologia. Sabemos, entretanto, que muito tem sido elaborado pelos movimentos sociais e organizações da sociedade civil fora das instituições de ensino e pesquisa. Por isto, a partir do X CBA, a ABA tem incentivado a apresentação de experiências populares e seu registro

nos Cadernos de Agroecologia. Portanto, uma tarefa deste GT é incentivar a sistematização destas experiências, procurando colocá-las em diálogo com as experiências científicas normalmente apresentadas nos eventos e registradas nas revistas.

Revista Brasileira de Agroecologia

A busca na RBA apontou 21 artigos publicados em 12 números da Revista, de 2009-2018. O número de artigos variou de um (em 2009) a sete (em 2014). O maior número de publicações em 2014 pode ter sido reflexo do estímulo às sistematizações de experiências, a partir do IV CBA, e da atuação do GT. Dessas 21 publicações, 16 foram na forma de artigos, três de resumos de teses e dissertações, um de editorial e um de ensaio teórico.

Dois estados contribuíram mais com as publicações, sendo o Rio Grande do Sul, com nove publicações (cinco artigos) e São Paulo, com três publicações. Os demais estados tiveram de uma a duas publicações, sendo eles Santa Catarina, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Sergipe e Pernambuco. Dos 21 artigos, 15 tiveram a participação das universidades federais, três da EMBRAPA, um de empresas de extensão rural, um de Instituto Federal de Educação e um de cooperativa. Os primeiros autores destes artigos eram de nove universidades federais brasileiras, de uma universidade estrangeira, de um Instituto Federal de Educação, de uma instituição de pesquisa, de uma empresa de extensão e de uma cooperativa. Dentre os artigos das universidades, apenas quatro foram escritos em parcerias com outras instituições, sendo três em parceria da EMBRAPA (instituição de pesquisa) e um em parceria com uma cooperativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Os temas dos artigos foram diversos. Dentre eles, culturas específicas (como milho, arroz, tabaco), solos (construção participativa de indicadores para análises de qualidade de solos, avaliação de voçorocas), etnoveterinária, espécies nativas (etnobotânica), políticas públicas, processo de recampesinização e de resistência camponesa. Na maioria desses artigos, foram analisados processos participativos utilizados em processos de desenvolvimento, de transição agroecológica ou análises de ambiente. Uma reflexão teórica sobre ciência foi encontrada em Silva Neto (2013).

Três artigos versaram sobre as ações de NEA e compuseram a edição especial da RBA (2018) sobre o projeto de sistematização dos NEA. Nos três artigos, a sistematização das ações dos NEA foi induzida pelo projeto de sistematização da ABA, que foi positivamente avaliado, pois estimulou a reflexão sobre as ações em curso, incentivou a práxis acadêmica e possibilitou o registro, as percepções e ações do Núcleo. Em dois dos artigos, fez-se menção ao uso da Matriz de Sistematização do Projeto de Sistematização (<http://aba-agroecologia.org.br>). Os 28 artigos que fazem parte do número especial da ABA sobre sistematização dos NEA trataram do tema construção do conhecimento agroecológico, mas apenas três foram identificados a partir das palavras “construção conhecimento”, utilizadas em nossa pesquisa.

Os três resumos de teses ou dissertações, o editorial e o ensaio encontrados eram originários da região sul do País e de universidades federais. Os resumos das teses ou dissertações foram de programas de Pós-Graduação da UFRGS, sendo uma de mestrado (PACÍFICO, 2009) e uma de doutorado (COTRIM, 2014), do Programa em Desenvolvimento Rural (PGDR), e uma de mestrado em Ecologia, também da UFRGS (REIS, 2018), instituição de origem do primeiro coordenador do GTCCA

Nas pesquisas do PGDR, a base teórica foi a perspectiva orientada ao ator, que possui como autores expoentes Norman Long e Van der Ploeg. Uma das pesquisas foi complementada pelos estudos de recepção da comunicação para análise metodológica por meio da noção de mediação comunicacional desenvolvida por Martin Barbedo e Orozco. Reis (2018) abordou a relação entre valores e atividade científica, utilizando-se da abordagem do filósofo da ciência Hugh Lacey, aplicando-a ao um contexto específico das possibilidades de uso produtivo dos chamados Campos Sulinos.

Revista Cadernos de Agroecologia

Por meio da busca utilizando as palavras “construção conhecimento” foram encontrados resumos apresentados em 26 eventos, de 2003 a 2018. Foram oito Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBA), seis Congressos Estaduais de Agroecologia do Mato Grosso do Sul (Agroecol), dois Seminários Nacionais de Agroecologia (SNEA), três Encontros Pan-Americano sobre Manejo Agroecológico de Pastagens e seis encontros regionais organizados nos estados do Paraná, Paraíba, Espírito Santo, Santa Catarina e Distrito Federal. Os anais dos III e IV CBA não estão disponíveis nesta Revista.

Encontramos 248 resumos, distribuídos em quatro categorias, sendo elas: relatos de experiências (64%), pesquisa (25%), sistematização de experiências (7%) e ensaio teórico (4%). Dentre os relatos de experiência (64%), apenas um relato foi de experiência popular, modalidade de relato aceito pela primeira vez no X CBA.

Estes resumos foram elaborados por muitas instituições, mas, especialmente, por aquelas de ensino (Figura 1). O termo “outros”, no gráfico, refere-se a resumos apresentados por movimentos sociais, agricultores ou órgãos públicos. Muitos resumos tiveram a contribuição de um ou mais tipos de instituição.

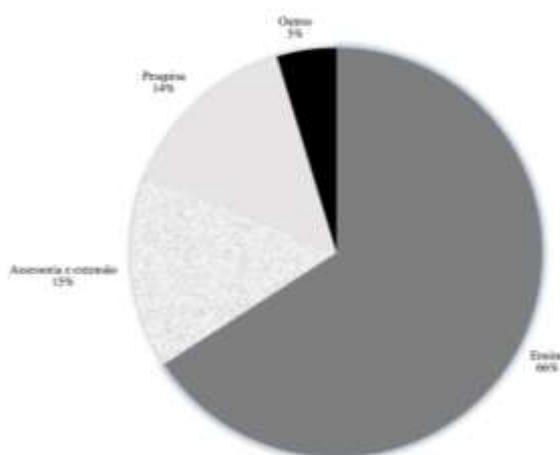


Figura 1. Tipo de instituição que colaborou com a elaboração dos resumos apresentados em eventos cujos anais estão disponíveis na Revista Cadernos de Agroecologia.

Dentre as instituições de ensino, 73,5% são universidades públicas e 3% são instituições particulares de ensino superior; 16% são Institutos Federais de Educação; 7,5% são escolas de ensino fundamental ou de escola técnica. A experiência popular, foi apresentada por uma escola indígena. A supremacia das universidades ocorre, em parte, em função dos estudantes, incluindo a pós-graduação, que contribuem, de fato, para as atividades de pesquisa e extensão. Deve-se, também, considerar que a agroecologia foi muito incentivada por políticas públicas federais e estaduais, ao mesmo tempo em que houve a expansão das instituições públicas de ensino superior (IES) no período considerado, com o surgimento de novos cursos de agroecologia. Assim, as IES são muitas e é natural que produzam mais. Mesmo assim, é preocupante a baixa participação das instituições de pesquisa e os poucos resumos elaborados por estas ou em parceria com elas. A instituição de pesquisa com maior participação foi da EMBRAPA. As organizações estaduais de pesquisa contribuíram muito pouco. Isso, talvez, reflita o pouco apoio que agroecologia recebe nessas instituições.

Os resumos não estão igualmente distribuídos entre as regiões brasileiras, o Sudeste e o Nordeste contribuíram com 58% dos resumos apresentados (Figura 2). Dentre os estados, a desigualdade ainda é maior, pois Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul, Pará e Rio de Janeiro, nesta ordem, contribuíram com a maioria (58%) dos resumos, enquanto estados como Rondônia, Roraima e Tocantins apresentaram poucos resumos, já Amapá e Alagoas não apresentaram nenhum resumo. Para os próximos CBA, deve-se incentivar a participação destes estados, pois sabido que são

portadores de experiências valiosas de construção do conhecimento agroecológico. Portanto, vale lembrar que a importância maior de produção de algumas regiões é intimamente relacionada com o lugar onde aconteceram os eventos quando estaduais.

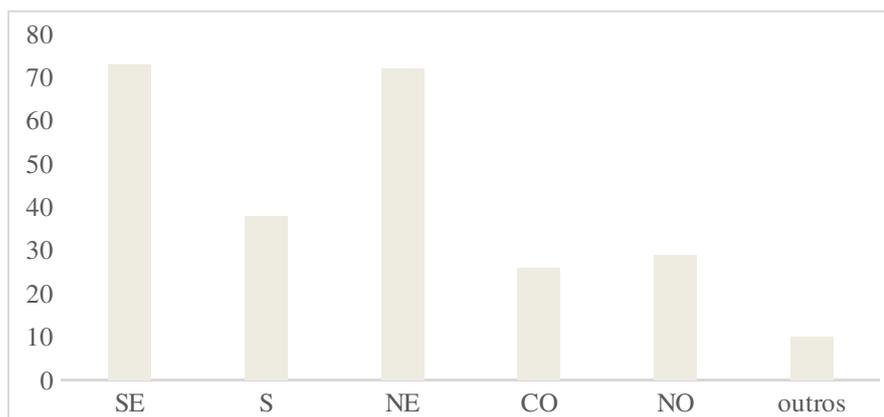


Figura 2. Número dos resumos apresentados em eventos, de acordo com as regiões brasileiras.

Os relatos de experiências trataram dos mais variados temas, mas o mais recorrente (cerca de 40%, em torno de 60 relatos) tratou de formação, com públicos distintos, tais como estudantes de segundo grau, ensino superior, pós-graduação, residência agrária, escolas técnicas e até pré-primário, mas também de agricultores, professores e técnicos. A diversidade de público indica a capilaridade da Agroecologia nos diferentes níveis de ensino, ainda que a distribuição dos resumos não tenha sido uniforme nesses níveis.

Para tais formações, utilizaram-se diferentes métodos, como cursos, oficinas, visitas, intercâmbios e aulas. As temáticas utilizadas nas formações foram as mais variadas, dentre elas solos, água, biodiversidade, criação animal, permacultura, princípios da agroecologia, sistemas agrofloretais, plantas medicinais, economia solidária, homeopatia, compostagem, biofertilizantes, tecnologias sociais de manejo e uso da água, assim como criação animal, estágios e estágios interdisciplinares de vivência. Entretanto, as experiências mais recorrentes foram relacionadas à construção de hortas com fins educativos, muitas delas articuladas às disciplinas de projetos nas escolas.

Experiências de ensino por projeto aportam inovação metodológica, pois os projetos articulam, de forma interdisciplinar, vários conteúdos. Há, entretanto, de se ter o cuidado de reconhecer os saberes dos pais, estudantes e comunidade do entorno da escola e envolvê-los nesta construção. Dessa forma, os projetos passam a ser um canal importante para a participação da comunidade na escola, o que é de grande valor pedagógico. Ao contrário, a ausência da comunidade pode passar a mensagem de que o técnico/professor sabe fazer os projetos, por exemplo, a horta, e os demais não.

Ainda relacionados à formação, aproximadamente 20 experiências trataram dos NEA, principalmente das universidades e institutos federais, mas também, de empresas de pesquisa e abordaram as mais diferentes temáticas como gênero, permacultura, produção de mudas, convivência com o semiárido, economia solidária, etc.; aproximadamente 10 experiências vieram de grupos de estudantes, também com temáticas diversas, como permacultura, mutirão para implantação de sistemas agrofloretais e etc.; dez experiências trataram da organização de eventos, como dia de campo, feiras, festivais, caravanas e encontros. Embora arte e cultura estejam presentes em vários eventos, apenas um deles tratou especificamente da arte, cultura e agroecologia. Talvez a relação cultura e agroecologia precise estar mais presente nas reflexões, para pensar a arte como forma alternativa de construção do conhecimento agroecológico, e por assim essa dimensão aparece no tema do XI CBA.

Dentre os relatos de experiências, alguns deles (4) trataram, notadamente, sobre a busca de indicadores de qualidade do solo, estratificação ambiental e análise de solos usando metodologias alternativas; outras (5) referiram-se à implantação de tecnologias sociais de uso da água e alimentação animal; alguns (4) relatos referiram-se, especificamente, ao uso da biodiversidade vegetal, como temas

relacionados à etnobotânica, seleção de espécies e sementes; apenas quatro experiências foram específicas sobre a criação animal.

Algumas experiências (7) retrataram o uso de unidades de experimentação participativa. Algumas dessas unidades implantadas nas propriedades dos agricultores foram relatadas, mas com a intervenção externa. elas adquirem os mais diversos nomes, como unidade pedagógica de pesquisa e unidade de experimentação participativa. Um relato referiu-se ao lote (em assentamento) como unidade de experimentação. Interessante observar que se recorre à ideia da Unidade Demonstrativa (UD), comumente presente nas ações da extensão convencional, mas ressignificando-a, tornando-a mais participativa. Contudo, ainda há o risco de artificializar muito a prática, diferentemente das experiências dos agricultores, “unidades reais de demonstração”. Experiências de agricultores foram relatadas em 8 resumos.

Três resumos relataram as experiências relacionadas aos consumidores, com temas sobre gastronomia e comercialização; duas experiências trataram, especificamente, de experiências da juventude do campo, uma sobre arte e cultura; dois resumos foram sobre experiências sobre gênero. Embora, a juventude e as mulheres estejam presentes no cotidiano da construção do conhecimento agroecológico, estes não foram objetos de reflexão mais aprofundada. Sabemos que estes são dois temas sensíveis para a construção da agroecologia.

Apenas uma experiência retratou questões da comunicação. Só mais recentemente o campo da comunicação tem merecido a atenção dos grupos que trabalham com a agroecologia. Da mesma forma, somente um relato tratou de experiências na escala de paisagem e não apenas de propriedade. Isso chama a atenção para a necessidade de incentivarmos a apresentação no CBA de experiências que tratem da agroecologia em uma escala para além do lugar (unidade de produção, agroecossistema, lote, propriedade, etc.) e que retratem a escala de território, importante para a ampliação do entendimento dos entraves e potencialidades da agroecologia.

Um relato de experiência foi específico sobre políticas públicas. O debate sobre a importância das políticas públicas precisa ser mais incentivado, pois, se é preciso ter políticas públicas para a construção do conhecimento agroecológico, é preciso ainda, compreender melhor como intervir para que estas políticas públicas sejam disponibilizadas, mas, ao mesmo tempo, preservando e ou aumentando a autonomia dos(as) camponeses(as).

Apenas dois relatos de experiências referiram-se, especificamente, às experiências dos movimentos sociais e, pelo menos quatro relatos, referiram-se à metodologia camponês a camponês (por vezes com o nome de intercâmbio). Tais metodologias procuram incentivar o protagonismo e a autonomia dos agricultores.

Apenas dois relatos referiram-se aos povos tradicionais, um sobre povos de terreiro e um sobre uma escola indígena (esta apresentada na modalidade relato de experiência popular). O relato da escola indígena encerra com o texto seguinte:

[...] temos tentado muito inserir os saberes e práticas culturais do nosso povo, para que os novos conhecimentos não prejudiquem nossos costumes tradicionais. Por sua vez, esses saberes nos ensinam um profundo respeito ao que os não-indígenas chamam de “natureza”, mas que para nós se apresenta como diferentes mundos, com muitos donos espirituais (Amju’u) (MYKY et al., 2018, p. 2).

Os resumos apresentados no formato de trabalhos científicos, relacionados mais diretamente às pesquisas, foram poucos (25%, Figura 1) e com temas muito variados. O maior número de resumos referiu-se aos temas relacionados ao entendimento e avaliações de processos e metodologias de construção do conhecimento agroecológico e da construção de redes. Era previsível isso acontecer, já que os resumos analisados tratam da construção do conhecimento agroecológico. Outros temas de pesquisa que apareceram foram relacionados a gênero, Sistemas Agroflorestais (SAF), mapeamento,

juventude, indicadores, animais, agrotóxicos, sementes, etnobotânica, controle de pragas, quintais e diagnósticos participativos.

Uma das pesquisas foi sobre a viola caipira, única que trouxe o tema da cultura popular de forma mais explícita; a comunicação foi tema de duas pesquisas, sendo uma delas sobre a invisibilidade e a dissociação proposital da agroecologia dos temas políticos e sociais pela mídia empresarial. Apenas três pesquisas trataram mais diretamente de comunidades tradicionais. Estas pesquisas procuraram entender o papel das comunidades tradicionais para a agroecologia, diagnosticar o sistema de produção tradicional e a identificar o conhecimento tradicional (etnociências).

O pouco número de resumos na categoria pesquisa parece indicar que a compreensão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um princípio constitucional, que fortalece a agroecologia enquanto ciência, movimento e prática (SOUZA et al., 2017), ainda não foi bem compreendido pelos atores da agroecologia. Talvez, isto indique a necessidade da ABA fortalecer a compreensão dos princípios da pesquisa-ação e da pesquisa participante, como instrumentos para favorecer o diálogo de saberes, na medida em que essas modalidades de pesquisa permitem a práxis, como apontada por Paulo Freire, ou seja, permite a articulação entre teoria e a prática.

Todos os resumos apresentados são entendidos por esse GT como formas de sistematização. Entretanto, categorizou-se como sistematização (7%) aqueles resumos que trataram de sistematização de processos mais longos e mais complexos. Os quais foram sobre redes, núcleos e redes de núcleos de agroecologia e sobre a história e atuação de organizações não governamentais.

O pouco número de ensaios teóricos indica a necessidade de maior reflexão sobre nossas práticas. Desses ensaios, quatro trataram da extensão, de indicadores de sustentabilidade e da construção de redes. Um deles tratou da relação tecnologia e sociedade e apontou as tecnologias sociais plurais e autônomas como mais apropriada à agroecologia. Outro ensaio (PARENTE, 2018) tratou do diálogo de saberes e apontou questões importantes para a reflexão. Segundo Parente (2018), a agroecologia é, ao mesmo tempo, moderna e ancestral, pois reconhece a importância, tanto dos conhecimentos científicos, quanto dos conhecimentos tradicionais de forma horizontal e não hierarquizado. O autor afirma que moderno e ancestral não traz uma distinção axiológica, que privilegia um termo em relação ao outro, mas como uma dicotomia (não antagonismo), que revela perspectivas distintas e que coexistem nas sociedades complexas contemporâneas. O autor aponta, ainda, que um dos principais desafios da construção do conhecimento agroecológico é equilibrar ambas as contribuições de maneira equânime para ampliar o corpo de conhecimentos que possibilite buscar soluções para os problemas que afligem a humanidade, além de prevenir outros. O desafio lançado chama para um debate no âmbito da epistemologia da ciência e, ao mesmo tempo, da sabedoria ancestral que compreende diversas epistemologias.

Quatro ensaios teóricos apresentaram reflexões importantes sobre a cosmovisão e todos se referiram à cultura afro-brasileira. Em um dos ensaios, Silva e Tavares de Lima (2018) apontam, de forma clara, cinco aspectos do candomblé que podem contribuir muito com a agroecologia, sendo eles: i) a relação dos povos de terreiro e sua indissociabilidade com a natureza; ii) a vida em comunidade, importante para enfrentar a sociedade capitalista hegemônica responsável pela crise civilizatória; iii) o papel das folhas, “sem folhas não há orixás”, o que significa uma infinidade de conhecimentos relacionados às “folhas” e às “ervas de poder”, destinadas a curar o corpo e o espírito; iv) a alimentação, destinada ao corpo, considerado sagrado, pois é o canal para vivificação do orixá; e v) o papel da mulher forte e sábias que dirigem as casas.

Barrera-Bassols e Zinck (2001), indicam três componentes principais das etnociências, das quais a agroecologia se aproxima, sendo eles o corpus, a práxis e o cosmos. O corpus refere-se ao conjunto de conhecimento ou de sistema cognitivo; a práxis, às práticas de manejo (do agroecossistema, por exemplo); e cosmos aos sistemas simbólicos e crenças locais. Ainda, segundo os autores, dos três componentes, tem-se dado muito mais atenção ao corpus e a práxis, que ao cosmos. Os resumos apresentados aos eventos da agroecologia, desde 2003, reforçam a afirmação dos autores, pois apenas poucos resumos (4) referem-se ao sistema simbólico. Todos esses resumos referem-se à cosmologia de povos afrodescendentes e nenhum sobre a simbologia indígena. Ainda segundo os autores, uma

mudança de ênfase das pesquisas para a cosmovisão poderia contribuir para a formulação e implementação de programas de desenvolvimento rural, e nós diríamos, para a ampliação da agroecologia.

Com relação aos artigos e resumos estudados, se pode afirmar que quase a totalidade dos trabalhos publicados e identificados nas duas revistas utilizaram metodologias tais como: pesquisa-participante, pesquisa-ação e camponês a camponês. Isso aponta o esforço sistemático dos atores de produzir o conhecimento agroecológico de forma dialógica.

Propostas para uma elaboração teórica da construção do conhecimento agroecológico para uma ecologia de saberes

Considerando o que foi apresentado, fica claro que a temática “construção do conhecimento agroecológico” ainda não tem uma compreensão consensual, clara e bem definida. Um exemplo, é a busca por meio das palavras “construção conhecimento” ter deixado de fora mais de 20 artigos da RBA sobre a sistematização das experiências dos NEA. Assim sendo, é possível que a temática esteja presente em um número ainda maior de artigos e resumos de eventos científicos do que foi estudado neste trabalho.

Portanto, a busca pelo tema nas revistas da ABA não identificou todos os trabalhos que trataram do tema, o que indica a necessidade do GT aprofundar o trabalho de sistematização sobre o que estamos produzindo, o que certamente contribuirá para novas reflexões. Tais reflexões, por sua vez, podem ampliar a compreensão da importância da práxis acadêmica (ação-reflexão-ação) que traga para sua pauta questões sobre as diversas epistemologias e cosmovisões que contribuem para a construção desses conhecimentos. A discussão não é trivial nem mesmo para a academia, mas a partir da compreensão da diversidade epistemológica, é necessário voltarmos esforços para a sistematização de nossas práticas e para o aprofundamento de nossas reflexões teóricas. A partir dos resultados bibliográficos recolhidos, quais seriam as possíveis pistas para fomentar um diálogo interepistêmico no contexto da ecologia de saberes?

O esforço de sistematização da prática aqui apresentado, indica que ainda há poucos ensaios teóricos entre os trabalhos apresentados, além de baixo percentual de resumos científicos em relação aos relatos de experiência nos eventos. Vale ressaltar aqui que, apesar da grande diversidade das temáticas encontradas, houve baixa presença de temas importantes dentro da temática da construção do conhecimento, como: gênero, juventude, território, comunidades tradicionais, políticas públicas, comunicação, cultura e arte. Tais temas são de grande relevância para o diálogo de saberes, que se pretende inter e transdisciplinar. Nesse grande desafio, uma forma de aprofundar a compreensão da própria epistemologia da agroecologia seria ampliar suas estratégias metodológicas, incentivando produções acadêmicas que combinam a reflexão teórica inovadora com esses temas. Em que medida os avanços epistemológicos relacionado aos “gender studies” e ao feminismo podem alimentar a reflexão sobre o conhecimento agroecológico por exemplo?

Com relação aos povos indígenas e às comunidades tradicionais, vale destacar que poucos resumos trataram do sistema simbólico, reforçando a ideia de que estamos tratando mais do corpus (conhecimento) e práticas, e menos do cosmos. Os trabalhos identificados sobre cosmovisão referem-se à cosmologia de povos afrodescendentes, nenhum aborda a simbologia indígena. Entendemos que, mergulhar na compreensão da cosmovisão camponesa, bem como dos povos e comunidades tradicionais pode nos ajudar, também, na ampliação da agroecologia e na construção do bem viver, resgatando outras epistemologias e formas de pensar. Assim, um elemento central da construção do conhecimento agroecológico deve ser a inserção deste em determinadas cosmologias. De fato, a ciência moderna pretende construir um discurso fora de toda fé, sem elementos sobrenaturais, se dedicando, somente, aos resultados empíricos, contribuindo para naturalizar os resultados científicos como se fossem apolíticos (LATOUR, 1992). Ora, o que as ciências sociais mostram, especialmente a corrente dos *Science and Technological Studies*, é que toda ciência se encaixa dentro de um dispositivo sociopolítico,

“invisibilizado”, em geral, pelos cientistas. Tais dispositivos carregam com eles crenças, representações do ser humano, da sociedade, da política, da natureza. A ciência agroecológica assimilou essa crítica e tenta promover o diálogo entre os saberes agrícolas, alimentares e ambientais de uma comunidade de produtores e consumidores, e as cosmologias dessas mesmas pessoas. Assim, a fé ou a espiritualidade no sentido mais amplo, podem se articular com formas de cientificidade mais clássicas.

Desse modo, a contextualização socioambiental, a apreensão da comunidade como sujeito de conhecimento e a articulação entre cientificidade e espiritualidade, são três elementos dentro de outros nascidos do diálogo entre as ciências exatas e as ciências humanas, os quais fomentam a renovação epistemológica no sentido de uma ecologia de saberes.

Do ponto de vista prático e institucional, nessa construção é necessário, também, pensar a práxis educativa e interdisciplinar, apontada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX, 1987) como capaz de produzir relações transformadoras entre universidade e sociedade. Essa práxis pode ser possibilitada pela Extensão Universitária. O termo extensão, embora criticado e controverso (FREIRE, 1983), ganhou novos contornos a partir das orientações do FORPROEX (1987), que aponta para uma extensão universitária capaz de promover a ecologia de saberes.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, apontada pelo FORPROEX (1987), tornou-se um princípio constitucional que deveria reger as universidades brasileiras (Constituição de 1988). Este princípio tem, em geral, orientado as práticas dos NEA, que têm procurado desenvolver uma ciência contextualizada, junto com e a partir da sociedade, praticando a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão (SOUZA et al., 2017). Esta indissociabilidade é possibilitada pela práxis educativa e interdisciplinar que, por sua vez, possibilita a articulação das dimensões da agroecologia (ciência, movimento, prática e projeto político), central na construção do conhecimento agroecológico.

Conclusão

A organização pela ABA do XI CBA com o lema “Ecologia de saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares”, inspirado pelo pensamento do Boaventura Santos, é uma provocação para avaliar a construção do conhecimento agroecológico dentro da instituição. Do ponto de vista teórico, o quadro conceitual do sociólogo português se encaixa com o contexto socioambiental da agroecologia e com a proposta para uma epistemologia agroecológica. A narrativa da trajetória da ABA nos últimos anos revela o surgimento, cada vez maior, da temática da construção do conhecimento agroecológico, especialmente com criação do GT dedicado a esse tema. Isso ajuda a entender a demanda inicial de um esforço de mapeamento e sistematização das experiências de campo no Brasil. Esse levantamento parece alcançar uma maturidade que chama para uma outra fase de elaboração conceitual. A revisão bibliográfica de todos os artigos e resumos com as palavras-chave “construção conhecimento” nas revistas da ABA confirma essa necessidade, mostrando, dentro da diversidade da produção, a lacuna persistente de ensaios teóricos para conferir uma dinâmica própria aos saberes agroecológicos. De fato, se realmente a agroecologia marca uma mudança de paradigma com relação à ciência moderna, como ela pretende a priori, sendo mais inter e transdisciplinar e, também, respeitando saberes locais, a forma original de construção do conhecimento deverá aparecer aos poucos na arquitetura do corpus acadêmico agroecológico. De mesmo modo, isso deve gerar um funcionamento diferenciado do modelo brasileiro de pesquisa, ensino e extensão.

Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Hugh Lacey, a Profª Ana Tereza Reis da Silva e ao Chicão do MST e Via Campesina, por terem participado do seminário “Agroecologia como ciência e diálogos interepistêmicos” e terem contribuído com as reflexões teóricas.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA – ABA. **Seminário de Construção do Conhecimento Agroecológico**. Guarapari, 2007. Disponível em: <http://www.aba-agroecologia.org.br/wp-content/documentos/Congressos/VCBA%20Guarapari/relatorio%20do%20seminario%20CCA%20no%20V%20CBA.pdf>. Acesso em: 20 mar.2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA - ABA. **Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia**, 2015. Disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Estatuto_ABA_2015.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- BARRERA-BASSOLS, N.; ZINCK, J. A. Ethnopedology: a worldwide view on the soil knowledge of local people. **Geoderma**, v.111, p. 171-195, 2001.
- COTRIM, D. S. O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.9, n.2, 2014.
- COTRIM, D. S.; DAL SOGLIO, F. K. Construção do Conhecimento Agroecológico: Problematizando a noção. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.11, n.3, 2016.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- GLIESSMAN, S. R. Agroecology: a global movement for food security and sovereignty, pg 1-13. In: **Agroecology for Food Security and Nutrition Proceedings of the FAO International Symposium**, 18-19 de setembro 2014, Roma, Itália. FAO, 2015.
- GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação de políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, 2006.
- LACEY, H., Agroecologia como ciência e diálogos interepistêmicos, In: WORKSHOP PERSPECTIVAS DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM AGROECOLOGIA NO BRASIL, 2019, Brasília. Vídeo... **ABA Agroecologia**, 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/lxy6lhd1RI8>>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- MYKY, M., MYKY, K., MYKY, T., MYKY, K., MYKY, K., MYKY, M. As contribuições dos saberes Myky e os desafios para a construção de um conhecimento agroecológico numa aldeia indígena. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10.; SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, 5., 2017, Brasília. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, 2018.
- PACÍFICO, D. A. Impasses na transição para uma agricultura de base ecológica: o Projeto Café de Lerroville-PR. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.4, n.1, 2009.
- PAIVA R. L.; AZEVEDO, E. A Agroecologia e a mídia: (in)visibilidades, atores e enquadramentos. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10.; SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, 5., 2017, Brasília. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, 2018.
- PARENTE, F. A moderna e ancestral agroecologia: a construção do conhecimento agroecológico por meio do diálogo de saberes. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10.; SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, 5., 2017, Brasília. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, 2018.
- POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- REIS, C. R. M. dos. Interações entre valores e atividade científica e sua aplicação ao contexto dos campos sulinos. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.13, n. 3, 2018.
- SÁ, T. D. de A.; FONSECA, F. D. da O que é esperado de um grupo de trabalho sobre Construção do Conhecimento Agroecológico na Associação Brasileira de Agroecologia? CONGRESSO LATINO AMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10.; SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, 5., 2017, Brasília. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, 2018.
- SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3a ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SILVA NETO, B. Agroecologia, ciência e emancipação humana. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.8, n.1, p. 3-17, 2013.
- SILVA, J. N.; TAVARES DE LIMA, J. R. Povos de Terreiros e construção do conhecimento agroecológico: notas para um debate. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE AGROECOLOGIA, 6.; CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10.; SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO, 5., 2017, Brasília. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, n.1, 2018.
- SOUZA, N.A.; FERREIRA, T.; CARDOSO, I.M.; OLIVEIRA, E. C. L.; AMÂNCIO, C. Os núcleos de agroecologia: caminhos e desafios na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. In: SAMBUICHI, R. H. R.; MOURA, I. F.; MATTOS, L. M.; ÁVILA, M. L.; SPÍNOLA P. A. C.; SILVA, A. P. M. **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. IPEA: Brasília, p. 403-431, 2017.